

***Technopaegnion* de Décimo Magno Ausônio entre traduções poéticas e não poéticas: seções I, II, III, IV, V, VI e VII**

Cristóvão José dos Santos Júnior
Doutor/Universidade Federal da Bahia (UFBA)
cristovao_jsjb@hotmail.com

RESUMO: Fornecemos traduções inéditas para a língua portuguesa das sete seções iniciais da obra *Technopaegnion* de Décimo Magno Ausônio (séc. IV d.C.). Tal composição está subdividida em quatorze partes, apresentando três prólogos em prosa e onze segmentos em verso, assinalados por jogos poéticos com vocábulos monossílabos. Realizamos duas traduções para cada seção em verso: uma não poética e outra poética. Inicialmente, repisamos, sucintamente, elementos concernentes à biografia de Ausônio e à sua obra, haja vista que ele é praticamente desconhecido no Brasil, como ocorre com Fulgêncio e Lactância, também por nós examinados alhures. Em seguida, são, novamente, evidenciados os contributos de João Angelo Oliva Neto (2014; 2016) e Everton Natividade (2013). Frise-se, por fim, que este trabalho pertence a projeto mais abrangente de tradução das composições de Ausônio, de modo que, mais uma vez, adotamos a edição crítica de Roger Green (1991).

141

Palavras-chave: Ausônio; *Technopaegnion*; escrita constrangida; Antiguidade Tardia; hexâmetro português.

Sections I, II, III, IV, V, VI and VII of Decimius Magnus Ausonius' *Technopaegnion*: poetic and non-poetic translations

ABSTRACT: This paper presents translations into Brazilian Portuguese of the seven first sections of the *Technopaegnion*, a poem of Decimius Magnus Ausonius (IV AD). The Roman poet composition is subdivided into 14 sections, containing three prologues written in prose and eleven sections in verse – these sections are characterized by poetic games with monosyllabic words. In this paper, for each section in verse two translations are carried out: a non-poetic translation and a poetic one. Initially, I reiterate briefly elements concerning Ausonius' biography and his work, given that he is practically unknown in Brazil, as Fulgentius and Lactantius, authors also examined by me in other papers. The contributions of João Angelo Oliva Neto (2014; 2016) and Everton Natividade (2013) are emphasized again. As a final remark it is important to note that this work is part

of a bigger translation project of Ausonius' compositions. The Latin text follows again Roger Green's (1991) edition.

Keywords: Ausonius; *Technopaegnon*; constrained writing; Late Antiquity; Portuguese hexameter.

1. Breves considerações sobre *Ausônio* e seu *Technopaegnon*

Ausônio nasceu em 310 d.C., na cidade de Burdígala, atualmente Bordéus, tendo falecido neste local aproximadamente em 395 d.C. De família pagã, dedicou-se, desde sua juventude, ao estudo de autores clássicos, como Varrão. Recebeu sólida formação em leis e em letras, estudando grego e chegando a frequentar tribunais, além de atuar como questor, gramático e professor de retórica. Em razão da notoriedade de sua competência, foi chamado pelo imperador Valentiniano I (321-375 d.C.) para ser preceptor de seu filho Graciano (359-383 d.C.), que se tornaria seu sucessor. De seu discípulo, recebeu variados títulos e honrarias, tornando-se, em 375 d.C., prefeito pretoriano da Gália. Em seguida, combateu os alamanos, recebendo a escrava Bíssula, a quem dedicou obra de mesmo nome. Posteriormente, por volta de 379 d.C., ele se tornou cônsul juntamente com Quinto Clódio Hermogeniano Olíbrio, que era filho de Faltônia Betícia Proba. Após a morte de Graciano, Ausônio retornou para suas propriedades rurais localizadas em Burdígala, onde se converteria ao cristianismo e dedicaria o resto de sua vida à composição poética.

Em linhas gerais, os escritos ausonianos demonstram uma predileção pelo hexâmetro datílico e pelo dístico elegíaco, estando traspassados por elementos de ordem biográfica¹, que incluem atividades domésticas, poesia laudatória e homenagens a parentes mortos, além de também existirem imitações de poetas canonizados², como Hesíodo, poesia epigramática³ e produções de natureza fortemente constritora. Dentre os poemas de Ausônio e dentre aqueles cuja escrita é notadamente estrangida, decidimos traduzir seu *Technopaegnon*, composição poética elaborada em hexâmetros.

Por “caráter constritor” e “escrita estrangida” entendemos, a partir das contribuições do grupo concretista francês OuLiPo (*Ouvroir de littérature potentielle*), a técnica compositiva em que o escritor se sujeita, voluntariamente, a uma determinada *contrainte* (estrutura lógica de restrição) com finalidade, em geral, poética, de modo a, muitas vezes, limitar o emprego de unidades lexicais. Embora, por óbvio, a métrica, a rima e a cadência já engendrem constrições linguísticas, os concretistas se notabilizaram pela experimentação de outras modalidades compositivas, a exemplo do uso reiterado de termos de mesma

¹ Nosso projeto de estudo da poesia ausoniana já conta com a tradução da obra *Genethliacos* (Genetlíaco), dedicada ao aniversário do neto de Ausônio, a qual foi publicada recentemente pela revista *Codex* e está disponível no link a seguir: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/43205>.

² Do ponto de vista terminológico, seguimos a tendência contemporânea de empregar “canonizados” em vez de “canônicos”, a fim de ressaltar o caráter mutável dessa qualificação, que não deve ser vista como algo essencial, imanente ou perene. Similarmente, já é comum o emprego de formas como “literatura marginalizada”, em vez de “literatura marginal” e “escravizados”, em vez de “escravos”.

³ Recentemente, alguns epigramas ausonianos foram traduzidos para o português por José Amarante (2021), Daniel da Silva Moreira (2012; 2016) e João Angelo Oliva Neto (2010).

extensão silábica, como o fez Ausônio em seu *Technopaegnon*. À guisa de exemplo, na primeira seção poética, a lexia que encerra cada verso principia o verso seguinte:

<i>Res hominum fragiles alit et regit et perimit</i>	<i>fors,</i>
<i>fors dubia aeternumque labans, quam blanda fouet</i>	<i>spes,</i>
<i>spes nullo finita aeuo, cui terminus est</i>	<i>mors,</i>
<i>mors auida, inferna mergit caligine quam</i>	<i>nox,</i>
<i>nox obitura uicem, remeauerit aurea cum</i>	<i>lux,</i>
<i>lux dono concessa deum, cui praeuius est</i>	<i>Sol,</i>
<i>Sol, cui nec furto in Veneris latet armipotens</i>	<i>Mars, [...]</i>

Em termos técnicos, Ausônio realiza anadiplose⁴ com vocábulos monossílabos. Os demais poemas caracterizam-se por terminar sempre com monossílabo ou com certa letra do alfabeto (seção 13). Como provável consequência das constantes escritas e reescritas do próprio Ausônio, o texto amostrado possui transmissão textual problemática, que talvez englobe a realização de duas edições diversas: uma de 383 d.C., dedicada a Paulino (seção 2), e outra de 390 d.C., dedicada a Pacato (seção 1).

144

Se se admitir que o poeta, nesse tipo de poesia, impõe-se desafios, já que compõe poema cujos constrangimentos se somam aos já normalmente existentes, como o metro, com sua determinada sequência de sílabas longas, breves e ictos, parece evidente que ele está, como o título deste particular escrito revela, a exhibir uma técnica, ou seja, uma *ars*. Desse modo, tal obra parece se inserir em uma longeva tradição de escrita constrangida.

A tradição investigada abrange um conjunto de gêneros poéticos, como o verso ropálico (verso constituído por uma série de unidades lexicais em que o elemento seguinte possui uma sílaba a mais que o anterior), o palíndromo (termo que se pode ler, com identidade literal, da esquerda para a direita ou vice-versa), o acróstico (poesia em que as letras de cada verso formam, em sentido vertical, um ou mais nomes), o centão (composição poética formada por intermédio de colagem de versos diversos, de um ou mais autores), o lipograma (escrito que se caracteriza pela voluntária omissão de determinada letra do alfabeto), o tautograma (poema em que todas as palavras se iniciam com o mesmo grafema), o anagrama (transposição de letras de vocábulo ou frase para formar outra

⁴ Costuma-se distinguir figuras de repetição de palavra em razão de seu *locus* de incidência. De modo ilustrativo, há anáfora ou epanáfora quando a repetição ocorre em início de verso; mesodiplose quando a repetição ocorre no meio; epífora ou epístrofe quando a repetição ocorre no final; anadiplose quando a repetição ocorre intercalando final e início de versos; epanadiplose quando a repetição ocorre intercalando início e final de versos; e ploce quando a repetição de palavra em posição medial ocorre no final ou início do verso seguinte.

unidade lexical ou frase distinta) e o caligrama⁵ (texto cujas linhas ou elementos gráficos engendram figura relacionada com a matéria).

De modo ilustrativo, a fortuna crítica costuma mencionar figuras como Homero⁶ (século IX ou VIII a.C.); os palindromistas Sótades (século III a.C.), Plínio, o Jovem (61-114 d.C.), Gregório de Nazianzo (329-389 d.C.), Sidônio Apolinário (século V d.C.); os compositores de poesia visual Teócrito de Siracusa (c. 310-c. 250 a.C.), Símiatas de Rodas (auge em 300 a.C.), Dosíadas de Creta (século III ou II a.C.), Júlio Vestino (reinado de Adriano, 117 a 138 d.C.), Optaciano Porfírio (auge no século IV d.C.), Venâncio Fortunato (c. 530-c. 660 d.C.) e Rábano Mauro (c. 780-856 d.C.); os acrosticistas Arato de Solos (c. 315-240 a.C.), Nicandro (auge no século II a.C.), Aurélio Opílio (século I a.C.), a quem são atribuídos os acrósticos plautinos, Comodiano (século III d.C.) e Dionísio Periegeta (fim do século III ou princípio do século IV d.C.); os tautogramistas Sófocles (c. 497-405 a.C.) e Quinto Ênio (239-169 a.C.); os centonistas Hosídio Geta⁷ (século I d.C.), Ausônio⁸ (310-395 d.C.), por nós examinado, e Proba⁹ (século IV ou V d.C.); bem como os lipogramistas Laso de Hermíone (século VI a.C.), Partênio de Niceia (fim do século I a.C. - início do século I d.C.), Nestor de Laranda (fim do século II - início do século III d.C.), Trifiodoro (século III - século IV d.C.) e Fulgêncio, o Mitógrafo¹⁰ (fim do século V - início do século VI d.C.).

⁵ Emprega-se o termo *Technopaegnia* para designar a poesia visual grega e o termo *Carmina figurata* para a poesia visual latina. Quanto ao estudo dessa modalidade poética, sugere-se a leitura da dissertação de mestrado de Juliana Di Fiori Pondian (2011), intitulada *A forma da palavra: poesia visual sânscrita, grega e latina*.

⁶ Destaque-se o verso 182 do Canto III da *Ilíada*, composto, ao modo ropálico, com vocábulos de 1, 2, 3, 4 e 5 sílabas. Aprecie-o, então, juntamente com a tradução realizada por Carlos Alberto Nunes (2015, p. 104), seguida da recente tradução de Trajano Vieira (2020, p. 113): ὦ μάκαρ Ἀτρεΐδῃ μοιρηγενὲς ὀλβιόδαιμον; “Ó venturoso Agamémnone, filho dileto dos deuses”; “Atrida ilustre, magna moira, dáimon nobre”. Saliente-se, ainda, que a edição utilizada indica diérese na lexia Ἀτρεΐδῃ, de modo que seria possível considerá-la, no verso em comento, como unidade lexical tetrassilábica, sem prejuízo ao efeito de progressão ropálica.

⁷ Hosídio Geta teria escrito uma Medeia em forma de centão, o que foi investigado por Márcio Meirelles Gouvêa Júnior (2014), no artigo *Medea Carthaginis – El centón de Hosidio Gueta*.

⁸ O centão ausoniano foi traduzido para a língua portuguesa por Márcio Gouvêa Júnior (2011), que também se utilizou dessa técnica por intermédio das traduções da obra virgiliana empreendidas por Odorico Mendes.

⁹ É discutível se a centonista seria Faltônia Betícia Proba ou sua neta Anícia Faltônia Proba. Para um estudo mais detido de seu centão, recomenda-se a leitura do artigo *O Carmen Sacrum de Proba*, empreendido por Márcio Gouvêa Júnior (2010).

¹⁰ Atribui-se a Fulgêncio o lipograma *De aetatibus mundi et hominis* (*Das idades do mundo e da humanidade*). Tal obra foi também traduzida por este pesquisador ao longo de suas pesquisas de mestrado e doutorado realizadas pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Nosso trabalho foi efetuado sob orientação do prof. Dr. José Amarante (2019), que traduziu as *Mitologias fulgencianas*. Note-se que também buscamos fornecer duas traduções da *De aetatibus*, uma não poética e alipogramática, além de outra, poética e lipogramática. Considerando que o trabalho se desenvolveu progressivamente, ao longo dos anos de correlata pesquisa, foram paulatinamente efetuados trabalhos tradutórios a ela vinculados. Em tal senda, já foram publicadas as traduções, lipogramática e alipogramática, do prólogo, do Livro V (*Ausente E*), do Livro IX (*Ausente I*) e do Livro XIV (*Ausente O*), bem como as traduções lipogramáticas do Livro I (*Ausente A*), do Livro II (*Ausente B*), promovida em artigo teórico que aborda elementos pós-

Em tal panorama, verifica-se, consoante os dizeres de Cristóvão José dos Santos Júnior (2019b e 2020l)¹¹, a existência de uma efetiva tradição de escrita constrangida, que se iniciou em épocas mais remotas da Antiguidade, alcançando significativa difusão em seu período tardio. Interessante é perceber a permanência dessa manifestação de *ars*, que foi cultivada, conforme apontado por Santos Júnior (2019b), ao longo dos séculos, por figuras como o humanista Giovanni Boccaccio (1313-1375), que empregou o acróstico na obra *Amorosa visione*; o humanista François Rabelais (1494-1553), que se utilizava do pseudônimo anagramático Alcofribas Nasier; o classicista Luís Vaz de Camões (1524 - 1579 ou 1580), que escreveu acrósticos e se utilizou do anagrama Natércia para designar sua amada Caterina; o renascentista Johannes Placentius ou Petrus Placentius (c. século XVI), que elaborou o tautograma latino *Pugna Porcorum*, publicado em 1530; o barroco Francisco de Quevedo (1580-1645), que compôs soneto tautogramático; o barroco Antônio José da Silva Coutinho (1705-1739), que se utilizou do acróstico; o barroco Juan de Salinas y Castro (1559-1643), que possui composições anagramáticas; o barroco Alonso de Alcalá y Herrera (1599-1682), que escreveu anagramas e, na obra *Varios efectos de amor en cinco novelas exemplares*, cinco lipogramas; o árcade Manuel Maria du Bocage (1765-1805), que se utilizava do pseudônimo anagramático Elmano¹²; o romântico Álvares de Azevedo (1831-1852), que afirmava ter uma feição Ariel e outra Caliban¹³, anagrama de canibal; o romântico Edgar Allan Poe (1809-1849), que compôs o acróstico Elizabeth; e o simbolista João da Cruz e Sousa (1861-1898), que, a fim de conferir notável musicalidade a seus versos, aproxima-se, por vezes, da poética tautogramática, pelo uso reiterado de rimas aliterantes e assonantes. Finalmente, no século XX, a escrita constrangida não apenas continuou sendo utilizada, como ganhou veemente notoriedade com o movimento Concretista, por intermédio de figuras como Décio Pignatari (1927-2012), José Paulo Paes (1926-1998), José Lino Grünewald (1931-2000), Wladimir Dias-Pino (1927-atual), Haroldo de Campos (1929-2003), Augusto de Campos (1931-atual), Raymond

estruturalistas na discussão de aspectos tradutórios, do Livro III (*Ausente C*), do Livro IV (*Ausente D*), do Livro VI (*Ausente F*), do Livro VII (*Ausente G*), do Livro X (*Ausente K*), do Livro XI (*Ausente L*) e do Livro XII (*Ausente M*), efetuadas por Cristóvão Santos Júnior (2019c; 2019d; 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020f; 2020g, 2020h, 2020i, 2020j, 2020k, 2021a, 2021b e 2021d) e por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante (2020). Por fim, o epíteto Mitógrafo decorre da difusão das *Mitologias* e da necessidade de distinguir o lipogramista do Fulgêncio de Ruspe, consoante as preleções de Santos Júnior (2019a).

¹¹ Para estudo direcionado à tradição de escrita constrangida, sugere-se a leitura dos artigos de Cristóvão Santos Júnior (2019b, 2020l e 2020m) *Rastros da Tradição Literária Experimental, Vestígios do experimentalismo poético greco-latino e A "Idade das Trevas" entre o platonismo literário e o problema da literariedade: tensionando a poética experimental*; bem como do artigo *Elementos da Tradição Palindrômica Antiga*, publicado por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante (2019).

¹² Note-se que, à época, Manuel era grafado como Manoel.

¹³ Tal construto anagramático é derivado da obra *The Tempest* de William Shakespeare.

Queneau (1903-1976), François Le Lionnais (1901-1984), Italo Calvino (1923-1985) e Georges Perec (1936-1982).

Assim, considerando o sensível valor histórico da poética ausoniana, que integra tradição artística que nos constitui, buscamos aceitar o desafio de cultivar suas marcas estilísticas. Dado o particular constrangimento que o poeta se impôs e as inerentes dificuldades que assim impôs ao tradutor e ao leitor, nosso projeto prevê duas versões do texto ausoniano: uma metrificada que, repondo os jogos constritores do texto de partida, será responsável por fornecer singular experiência transcriadora, a esta poderíamos chamar “tradução poética”, e outra, sem constrição linguística e mais fluida, que potencialmente facilitará acesso à matéria do texto latino, atendendo, pois, às demandas dos Estudos Clássicos, a esta poderíamos denominar “tradução não poética”.

O próprio Ausônio explorou jogos poéticos diversos, como se verifica em *Cento nuptialis*, em *Griphus ternarii numeri* e em *Oratio consulis Ausonii uersibus rhopalicis*, que é de autoria controversa, muito embora costume integrar as edições ausonianas. *Cento nuptialis* é um centão elaborado a pedido do imperador Valentiniano I, sendo tecido a partir de uma espécie de colagem de versos de Virgílio, mas de modo que encerra sentido distinto. *Griphus ternarii numeri* não é propriamente obra de escrita constrangida, mas demonstra forte apelo ao enigmático, consistindo em poema de 90 hexâmetros, ao longo dos quais se desenvolvem jogos poéticos acerca do número três. *Oratio consulis Ausonii uersibus rhopalicis*, por sua vez, está estruturado em hexâmetros datílicos formadores de versos ropálicos.

Compreendendo, pois, a amplitude estilística dos jogos ausonianos, que se articulam a uma tradição de escrita constrangida, tomamos o *Technopaegnion* como ponto de partida em nosso projeto. Apenas de modo a ilustrar o presente programa tradutório, é oportuno tomarmos como exemplo norteador o poema relativo à seção 5, estampado na página 177 da edição de Green (1991). Nesse escrito, Ausônio termina cada verso com um vocábulo monossílabo, *in uerbis*:

<i>Aemula dis, naturae imitatrix, omniparens</i>	<i>ars,</i>
<i>Pacato ut studeat ludus meus, esto operi</i>	<i>dux.</i>
<i>Arta, inamoena licet nec congrua carminibus</i>	<i>lex,</i>
<i>iudice sub tanto fandi tamen accipiet</i>	<i>ius:</i>
<i>quippe et ridiculis data gloria, ni prohibet</i>	<i>fors</i>

Inicialmente, reputamos proveitoso efetuar tradução não metrificada, a fim de conferir fluência ao texto em português, a qual, acreditamos, será de grande valia para estudos acadêmicos a serem desenvolvidos na área. Nesse sentido, buscamos valorizar a sintaxe e os casos latinos, atentando para o

arcabouço semântico-gramatical de inserção do escrito. Aprecie-se, então, o resultado preliminar de nossa proposta:

Êmula dos Deuses, imitadora da natureza, ó arte geradora de todas as coisas,

que tu sejas a condutora de minha obra, de modo que meu jogo interesse a Pacato.

Apesar das restrições e do desagradável e desarmônico regramento em nossos poemas,

receberá, sob tal juízo, o direito de se manifestar.

De fato, também é dada a glória às coisas ridículas, se a fortuna não a proíbe.

Entretanto, na segunda versão, empregamos recursos para que, em língua portuguesa, o leitor, mediante procedimento de transcrição, também disponha de uma fruição poética. Quanto a isso, Haroldo de Campos sinaliza a potência criativa associada à isomorfia, vislumbrando, na aproximação pela forma, itinerário inclinado a uma autonomia recíproca entre o texto de partida e o texto de chegada. Senão vejamos:

148

Procedendo por reversão dialética desse momento de negatividade radical, passei a afirmar, em contrapartida, a possibilidade, em princípio, da *recriação* (re-criação) de textos poéticos. Para fazer face ao argumento da “outridade” da “informação estética” quando reproposta numa nova língua, introduzi o conceito de isomorfismo: original e tradução, autônomos enquanto “informação estética”, estarão ligados entre si por uma relação de isomorfia; “serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema”. Insinuava-se, aqui, a noção de *mimesis* não como cópia ou re-produção do mesmo, mas como produção simultânea da diferença. (CAMPOS, 2015, p. 84-85)

Refletindo acerca desse processo tradutório a partir das contribuições de João Angelo Oliva Neto (2016, p. 38) – que investigou o cultivo do hexâmetro datílico português por Carlos Alberto Nunes –, encontramos algumas pistas interessantes. Embora Haroldo de Campos (1992, p. 144) negue o caráter transcriador da proposta de Nunes, afirmando, inclusive, que haveria elocução prosaica no uso do longo verso único, Oliva Neto (2016) adverte para a existência de uma musicalidade alicerçada no emprego de cesuras, também alertando para o fato de que, em latim, o verso é similarmente longo.

Nesse sentido, convém sinalizar que o hexâmetro português de Nunes seria verso de 16 sílabas com tônicas distribuídas de modo a simular a presença de dátilos, no processo de alternância entre tônicas e átonas. Assim, ter-se-ia, a princípio, tônica nas sílabas 1, 4, 7, 10, 13 e 16. Ocorre, contudo, que nem sempre Nunes realiza tônica na primeira sílaba, conforme observado por Oliva Neto (2016), o que pode ser lido como certa flexibilização em seu modelo. Outro aspecto relevante diz respeito à cesura, que pode ser masculina ou feminina, o que também já foi indicado por Oliva Neto (2014). Everton Natividade (2013) chama atenção para as possibilidades das cesuras triemímera, pentemímera e heftemímera aparecerem isoladamente ou combinadas. Além disso, Natividade (2013) também indica a possibilidade de diérese, que ocorre quando a cesura coincide com o término de um pé ou metro.

No que diz respeito à metrificação propriamente dita, consideramos relevante apontar alguns casos extraídos da tradução do próprio Nunes concernente ao Livro I da *Eneida*. São observáveis versos com sílabas tônicas contíguas, aqui incluídos os monossílabos tônicos, as quais foram negritadas. Também verificamos a ocorrência de crases, elisões ou sinalefas mesmo diante de vírgula, ponto ou possível cesura, o que sublinhamos. Note-se que, em certas hipóteses de tônicas contíguas, é possível que haja cesura, de modo que as tônicas não gerariam maior dificuldade de pronúncia do verso. Nos casos em que não se verifica cesura, contudo, é lícito considerar incidência de fenômeno de enfraquecimento, por posição métrica, da tonicidade natural de sílaba presente em posição átona (2, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 14 ou 15). Senão vejamos:

São possíveis tônicas contíguas:

v. 5: guerras sem fim sustentou **para** as bases lançar da cidade

v. 10: tão religioso a enfrentar sem descanso **esses** duros trabalhos?

v. 11: Cabe tão fero **rancor** no **imo** peito dos deuses eternos?

v. 18: de **fazer dela** a senhora dos povos, se os Fados anuíssem

v. 20: Porém ouvira **falar** **numa** raça provinda dos troas

v. 32: vinham cortando sem rumo **desde** **anos** o mar infinito

v. 33: Tão grande **empresa** **era** as bases lançar da progênie romana!

v. 44: ao infeliz, na agonia **final**, **todo** o peito abrasado

v. 47: do próprio Júpiter, **há** **tantos** anos guerreiro um **só** **povo**

v. 80: e árbitro **ser** **todo** o tempo das chuvas no mar tempestuoso

v. 81: Assim falando, empurrou **para** o lado com a ponta do cetro

v. 91: Tudo à visão dos troianos **são** **formas** variadas da morte

v. 94: fundos suspiros, bradou: "Oh, **três** **vezes** e quatro felizes

v. 107: outros enxergam do **mar**, **cuja** areia sem pausa referve.

- v. 110: quase submersos; **três outros** arrasta do mar encrespado
 v. 116: as ondas brabas **três vezes** o casco anegrado volteiam,
 v. 117: **té ser** tragado num ápice por um voraz torvelinho
 v. 124: Nesse entrementes, Netuno sentiu **pelos** surdos mugidos
 v. 127: **põe fora** d'água e, surpreso, observou o que então ocorria:
 v. 128: no equóreo campo, dispersa, **observou toda** a esquadra de Eneias,
 v. 140: Euro, mansões de **vós todos**. Orgulhe-se dos seus domínios
 v. 142: Antes do fim do discurso o **mar bravo** ficara sereno
 v. 146: sirtes acalma. O **mar vasto** se torna de súbito manso.
 v. 152: e comprovado **valor, todos** calam e atentos escutam;
 v. 155: da divindade, ao **olhar para** as ondas; com o **céu já** sereno

São possíveis crases, elisões ou sinalefas mesmo diante de vírgula ou ponto:

- v. 2: por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro
 v. 8: Musa!, recorda-me as causas da guerra, a deidade agravada
 v. 16: manifestara, até mesmo em confronto com Samos diletta
 v.17: Lá teve as armas, o carro guardava, e o projeto ambicioso
 v. 23: De medo, então, e lembrada a Saturnia da guerra primeira
 v. 37: consigo mesma: “Aceitar o fracasso no início da empresa
 v. 42: Ela, em pessoa, arrojou desde as nuvens o rápido fogo
 v. 43: De Jove, as naus destrouçou, revolvendo com os ventos as ondas
 v. 96: Ó tu, valente Tidida, o mais forte dos filhos de Dânao!
 v. 97: Não ter eu tido a ventura, ao lutar nas campinas de Troia
 v. 102: Não acabara, e o violento Aquilão em reforço à tormenta
 v. 126: do imo cachões a brotar. Comovido, a serena cabeça
 v. 137: Fora daqui, sem demora!, e ao rei vosso levai o recado

São possíveis crases, elisões ou sinalefas mesmo diante de vírgula ou ponto e gerando tônicas contíguas:

- v. 22: para desgraça da Líbia. Isso as Parcas já haviam tecido
 v. 78: O meu reinar a ti devo, este cetro e a aquiescência de Jove
 v. 100: onde Sarpédone ingente, onde tantos escudos lascados
 v. 131: Juno potente. Euro e Zéfiro chama e destarte lhes fala

Assim, buscamos, finalmente, semear o hexâmetro datílico português com o uso de cesuras masculinas ou femininas de tipo triemímera, pentemímera ou heftemímera, que podem, à semelhança do modelo de Nunes, aparecer sozinhas

ou combinadas. Além disso, seguindo a ideia de que o dátilo seria formado por sílaba longa seguida de duas breves, mantivemos as tônicas nas sílabas de número 1, 4, 7, 10, 13 e 16. Desse modo, à diferença de Nunes, buscamos maior sistematicidade quanto à tônica na primeira sílaba. Ademais, em nosso modelo, a cesura impede crases, elisões ou sinalefas, de modo que, considerada sua incidência entre vogais, engendra-se hiato. Finalmente, almejando potencializar nosso procedimento transcriador, utilizamos vocábulos dissílabos no fim de cada verso, reformulando o jogo ausoniano.

Embora não tenhamos cultivado palavras monossílabas, dada sua escassez em língua portuguesa, entendemos que o projeto da *ars* de Ausônio está sendo, em alguma medida, contemplado, a partir do desafio em se utilizar, regularmente, unidades lexicais de mesma extensão. Aprecie-se, a seguir, nossa proposta de tradução do poema de número 5 seguida de escansão, em que se utiliza barra vertical (|) para indicar a divisão de sílabas poéticas, duas barras inclinadas (/ /) para sinalizar a incidência da cesura, apóstrofo¹⁴ para sínopes e sublinhado para crases, elisões, sinalefas e sinéreses:

Deuses emula, semeando o que existe no cosmos: eis a	arte.
Seja de minha criação, pr'a que goste Pacato, sua	guia.
Ainda que force a pressão enfadonha, nos poemas, da	norma,
ela terá pr'a poder se mostrar, sob tal jugo, seu	passo.
Dá-se também importância ao banal, se o permite seu	fado.

151

Deu | ses | e | **mu** | la, // se | **mean** | do o | que e | **xis** | te | no | **cos**
| mos: | eis | **a ar** | te.

Se | ja | de | **mi** | nha | cria | ção, // pr'a | que | **gos** | te | Pa | ca | to,
| sua | **gui** | a.

Ain | da | que | **for** | ce a | pres | são | en | fa | do | nha, // nos | **poe**
| mas, | da | **nor** | ma,

e | la | te | **rá** | pr'a | po | **der** | se | mos | **trar**, // sob | tal | **ju** | go, | seu
| **pas** | se.

Dá | -se | tam | **bém** | im | por | **tân** | cia ao | ba | **nal**, // se o | per | **mi**
| te | seu | **fa** | do.

Com os mesmos sinais, assinala-se, agora, não a divisão do verso com a marcação apenas das sílabas tônicas, mas a escansão do verso hexâmetro datílico de modo tal que se mostram os cinco dátilos e o troqueu no fim, já que o

¹⁴ Também empregamos apóstrofo para indicar eclipses ao longo da tradução, como em co'o (com + o) e co'a (com + a).

hexâmetro que propomos, assim como o de Carlos Alberto Nunes, não prevê substituições de dátilos por espondeus:

Deuses e- | mula, // se- | meando o que e- | xiste no | cosmos: eis | a
arte.

Seja de | minha cria- | ção, // pr'a que | goste Pa- | cato, sua | guia.

Ainda que | force a pres- | são enfa- | donha, // nos | poemas, da
| norma,

ela te- | rá pr'a po- | der se mos- | trar, // sob tal | jugo, seu | passé.

Dá-se tam- | bém impor- | tância ao ba- | nal, // se o per- | mite seu
| fado.

Por fim, cabe destacar que nossa tradução seguiu a edição crítica estabelecida por Roger Green (1991), mas também permitiu diálogos com a edição realizada por Agostino Pastorino (2013 [1971]), que foi reeditada em 2013 sob formato *epub*. Assim sendo, sempre que adotamos a versão de Pastorino¹⁵ (2013), realizamos a devida indicação em nota. Ademais, trocamos as iniciais minúsculas dos períodos por letras maiúsculas, bem como o grafema 'v' por 'u'.

2. Traduções

TECHNOPAEGNION *Ausonius Pacato Proconsuli*

Scio mihi apud alios pro laboris modulo laudem non posse procedere. Quam tamen si tu indulseris, ut ait Afranius in Thaide 'maiolem laudem quam laborem inuenero'. Quae lecturus es monosyllaba sunt, quasi quaedam puncta sermonum, in quibus nullus facundiae locus est, sensuum nulla conceptio, propositio, redditio, conclusio aliaque sophistica, quae in uno uersu esse non possunt: sed cohaerent ita, ut circuli catenarum separati. Et simul ludicrum opusculum texui, ordiri maiuscula solitus: sed 'in tenui labor, at non tenuis gloria', si probantur. Tu facies ut sint aliquid; nam sine te monosyllaba erunt uel si quid minus. In quibus ego, quod ad usum pertinet, lusi: quod ad molestiam, laboraui. Libello Technopaegnii nomen dedi, ne aut ludum laboranti, aut artem crederes defuisse ludenti. Vale.

¹⁵ Pastorino (2013) realizou edição bilingue latim-italiano, que foi muito proveitosa para nosso estudo. Sublinhe-se que também nos foram úteis a tradução para o inglês de Evelyn White (1919; 1921) e a tradução para o espanhol de Antonio Ezquerra (1990).

JOGO DE HABILIDADE Ausônio para o procônsul Pacato

Eu sei que não posso receber dos outros o reconhecimento na mesma medida de meu esforço. Todavia, se tu fores tolerante, como Afrânio diz em “Thaís”: “terei encontrado mais reconhecimento que esforço”. Tu estás prestes a ler monossílabos que são quase, por assim dizer, pontos finais das sentenças: neles não existe lugar para eloquência, nem concepção da inteligência, premissa, apódose, conclusão ou outros recursos sofisticados, que não podem existir em um só verso: mas estão conectados assim, como os anéis individualizados das correntes. E ao mesmo tempo, habituado a compor obras um pouco maiores, eu teci um opúsculo divertido: mas “em um modesto trabalho, a glória não é modesta”, se o aprovam. Tu o farás, como se eles fossem algo. Na realidade, sem ti, eles só serão monossílabos ou algo menor. Nisso, no que diz respeito à sua utilidade, eu me diverti, quanto ao incômodo, eu me cansei. Eu dei a este livrinho o nome de Jogo de Habilidade, para que tu não acreditasses ter faltado diversão em meu cansaço ou habilidade na diversão. Fica bem.

2

Misi ad te Technopaegnon, inertis otii mei inutile opusculum. Versiculi sunt monosyllabis coepti et monosyllabis terminati. Nec hic modo stetit scrupea difficultas, sed accessit ad miseriam concinnandi ut idem monosyllabon quod esset finis extremi uersus principium fieret insequentis. Dic ergo: ‘o mora’, ‘o poena’! Rem uanam quippe curauit. Exigua est, et fastiditur; inconexa, et implicatur: cum sit aliquid, uel nihili deprehenditur. Laborauit tamen, ut haberet aut historicon quippiam aut dialecticon: nam poeticam uel sophisticam leuitatem necessitas obseruationis exclusit. Ad summam non est quod mireris, sed paucis litteris additis est cuius miserearis neque aemulari uelis. Et si huc quoque descenderis, maiorem molestiam capias ingenii et facundiae detrimento, quam oblectationem imitationis affectu.

2

Eu te enviei o Jogo de Habilidade, um opúsculo inútil de meu ócio inerte. São versinhos iniciados por monossílabos e terminados por monossílabos. A dura dificuldade não ficou apenas por aqui, mas foi acrescida pela infelicidade de proceder de modo que o mesmo monossílabo que estivesse no final de um verso se tornasse o início do verso subsequente. Logo, diz: “ó costumes”, “ó pena!”. Eu certamente me dediquei a uma coisa vã. É breve e entedia; desconexa e confunde; embora seja algo, nada se entende. Todavia, eu me esforcei para que tivesse algo de história e dialética. Na realidade, o dever de observância excluiu

a polidez poética ou sofisticada. Em resumo, não há nada que tu admirarias, mas, acrescentadas poucas letras, seria algo de que tu terias pena e não desejarias imitar. E se tu também tiveres descido a tal ponto, sentirias mais incômodo com o prejuízo da inteligência e da eloquência do que prazer pelo desejo de imitação.

3

<i>Res hominum fragiles alit et regit et perimit</i>	<i>fors,</i>
<i>fors dubia aeternumque labans, quam blanda fouet</i>	<i>spes,</i>
<i>spes nullo finita aevo, cui terminus est</i>	<i>mors,</i>
<i>mors avida, inferna mergit caligine quam</i>	<i>nox,</i>
<i>nox obitura uicem, remeauerit aurea cum</i>	<i>lux,</i>
<i>lux dono concessa deum, cui praeuius est</i>	<i>Sol,</i>
<i>Sol, cui nec furto in Veneris latet armipotens</i>	<i>Mars,</i>
<i>Mars nullo de patre satus, quem Thraessa colit</i>	<i>gens,</i>
<i>gens infrena uirum, quibus in scelus omne ruit</i>	<i>fas,</i>
<i>fas hominem mactare sacris; ferus iste loci</i>	<i>mos,</i>
<i>mos ferus audacis populi, quem nulla tenet</i>	<i>lex,</i>
<i>lex, naturali quam condidit imperio</i>	<i>ius,</i>
<i>ius genitum pietate hominum, ius certa dei</i>	<i>mens,</i>
<i>mens, quae caelesti sensu rigat emeritum</i>	<i>cor,</i>
<i>cor uegetum mundi instar habens, animae uigor ac</i>	<i>uis,</i>
<i>uis tamen hic nulla est, tantum est iocus ac nihili</i>	<i>res.</i>

154

3

Tradução não poética

A fortuna nutre, rege e destrói as coisas dos homens, as quais são frágeis.
 A fortuna é dúbia e eternamente vacilante, a qual a branda esperança favorece.
 Em nenhum tempo, a esperança é limitada, tendo por término a morte.
 A morte é ávida, a qual a noite mergulha na névoa infernal.
 A noite, por sua vez, há de passar, quando a luz dourada tiver retornado.
 A luz é concedida como um presente dos deuses, cujo precursor é o Sol.
 O Sol, ao qual não se ocultou o armipotente Marte em seus furtivos encontros com Vênus.
 Marte, concebido sem pai, quem o povo da Trácia venera.
 Povo de homens sem freio que, em cada crime, sua justiça precipita.
 A justiça de imolar um homem em sacrifícios; esse é o costume feroz do lugar.
 O costume feroz de um povo audacioso, que nenhuma lei contém.
 A lei, que o Direito instituiu com sua autoridade natural.

O Direito é gerado pela piedade dos homens. O Direito é seguro pensamento de deus.

O pensamento, que o merecedor coração rega com um sentido celestial.

O coração é vivo, tendo a grandeza do mundo, o vigor e a potência da alma.

Todavia, potência não existe aqui: somente é um jogo e uma coisa inútil.

Tradução poética

Coisas humanas germinam e morrem, por causa do	fado.
Fado, impreciso e eternal vacilante, persiste co' o	sonho.
Sonho, em instante nenhum, se limita, findando co' a	morte.
Morte, com sua avidez, é lançada na névoa da	noite.
Noite, a qual há de passar, no regresso solar de seu	brilho.
Brilho, presente dos deuses, depende da graça de	Febo.
Febo, a quem não se ocultou, com sua Vênus, o armífero	Marte.
Marte, gerado sem pai, é, na Trácia, louvor de seu	povo.
Povo de humanos sem freio, que, em crimes, corrompem seu	tino.
Tino que deixa imolar um mortal, na barbárie de um	vezo.
Vezo feroz da nação audaciosa, carente de	regra.
Regra fixada, com justo poder, da jurídica	norma.
Norma gerada da humana piedade, com deus por seu	senso.
Senso que rega o credor coração, celestial em seu	peito.
Peito, que pulsa na esteira do mundo, com ânimo e	força.
Força não há por aqui, mas só jogo com frívolas	coisas.

Escansão indicativa dos dátilos em português com tônicas nas sílabas 1, 4, 7, 10, 13 e 16 e cesura triemímera, pentemímera ou heftemímera

Coisas hu- | **man**as ger- | **min**am e | **mor**rem, // por | **ca**usa do | **fa**do.
Fado impre- | **ci**so e eter- | **nal** va ci | **lan** te, // per | **si**ste co' o | **so**nho.
So nho, em ins | **tan**te ne- | **nh**um, se li- | **mi**ta, // fin- | **dan**do co' a | **mo**rte.
Morte, com | **su**a avi- | **dez**, // é lan- | **ça**da na | **né**voa da | **no**ite.
Noi te, a qual | **há** de pas- | **sar**, // no re- | **g**resso so- | **lar** de seu | **br**ilho.
Brilho, pre- | **sen**te dos | **de**uses, // de- | **pen**de da | **gra**ça de | **Fe**bo.
Febo, a quem | **nã**o se ocul- | **tou**, // com sua | **Vê**nus o ar- | **mí**fero | **Ma**rte
Marte, ge- | **ra**do sem | **pai**, // é, na | **Tr**ácia, lou- | **vor** de seu | **po**voo.
Povo de hu- | **man**os sem | **fre**io, // que, em | **cr**imes, cor- | **rom**pem seu | **ti**no.
Tino que | **de**ixa imo- | **lar** um mor- | **tal**, // na bar- | **bá**rie de um | **ve**zo.
Vezo fe- | **roz** da na- | **ção** auda- | **ci**osa, // ca- | **ren**te de | **re**gra.
Regra fi- | **x**ada, // com | **ju**sto po- | **der**, // da ju- | **rí**dica | **no**rma.
Norma ge- | **ra**da da hu- | **ma**na pie- | **da**de, // com | **de**us por seu | **sen**so.

Senso que | regao | credor cora- | ção, // celes- | tial em seu | peito.
 Peito, que | pulsa naes- | teira do | mundo, // com | ânimoe | força.
 Força não | há por a- | qui, // mas só | jogo com | frívolas | coisas.

4. Praefatio

Vt in uetere prouerbio est, sequitur uara uibiam; similibus nugarum subtexo nequitiam. Et hi uersiculi monosyllabis terminantur, exordio tamen libero, quamquam fine legitimo. Sed laboraui ut quantum eius possent¹⁶ apud aures indulgentissimas, absurda concinerent, insulsa resiperent, hiulca congruerent, denique haberent et amara dulcedinem et inepta uenerem et aspera leuitatem. Quae quidem omnia, quoniam insuauis materia deuenustat, lectio benigna conciliet. Tu quoque mihi tua crede securior, quippe meliora, ut, quod per adagionem coepimus, prouerbio finiamus et 'mutuum muli scabant'¹⁷.

4. Prefácio

Como está em um velho provérbio, “a vara segue a viga”, de modo que eu acrescento outra coisa ruim de semelhantes tolices. Estes versinhos terminam em monossílabos, todavia com início livre, embora com final leal à regra. Mas eu me esforcei para que os ouvidos pudessem ser muito tolerantes, os absurdos se harmonizassem, as coisas insossas tivessem sabor, as desconexas se encadeassem, para que, finalmente, as coisas amargas tivessem doçura, as bobas tivessem beleza, e as ásperas tivessem suavidade. Que, ao menos, a leitura benevolente concilie todas essas coisas, dado que a desagradável matéria deforma. Confies tu também teus versos a mim, já que são melhores, de modo que nós terminemos com um provérbio o que começamos por um adágio: “as mulas se coçam mutuamente”¹⁸.

156

5

<i>Aemula dis, naturae imitatrix, omniparens</i>	<i>ars,</i>
<i>Pacato ut studeat ludus meus, esto operi</i>	<i>dux.</i>
<i>Arta, inamoena licet nee congrua carminibus</i>	<i>lex,</i>
<i>iudice sub tanto fandi tamen accipiet</i>	<i>ius.</i>
<i>Quippe et ridiculis data gloria, ni prohibet</i>	<i>fors.</i>

¹⁶ Acolhemos a estrutura *eius possent* da edição de Pastorino (2013) em vez de *fieri posset*, presente na edição de Green (1991).

¹⁷ Pastorino (2013) considera o sinônimo *scalpant* em vez de *scabant*.

¹⁸ Convém recordar a expressão latina *asinus asinum fricat* (“um burro coça outro”), utilizada para designar o ato de pessoas que se elogiam imerecida e mutuamente.

Tradução não poética

Êmula dos Deuses, imitadora da natureza, ó arte geradora de todas as coisas,
que tu sejas a condutora de minha obra, de modo que meu jogo interesse a
Pacato.

Apesar das restrições e do desagradável e desarmônico regramento em nossos
poemas,

receberá, sob tal juízo, o direito de se manifestar.

De fato, também é dada a glória às coisas ridículas, se a fortuna não a proíbe.

Tradução poética

Deuses emula, semeando o que existe no cosmos: eis a	arte.
Seja de minha criação, pr'a que goste Pacato, sua	guia.
Ainda que force a pressão enfadonha, nos poemas, da	norma,
ela terá pr'a poder se mostrar, sob tal jugo, seu	passo.
Dá-se também importância ao banal, se o permite seu	fado.

Escansão indicativa dos dátilos em português com tônicas nas sílabas 1, 4, 7, 10, 13 e 16 e cesura triemímera, pentemímera ou heftemímera

Deuses e- | **m**ula, // se- | **me**ando o que e- | **x**iste no | **co**smos: eis | **a** arte.
Seja de | **mi**nha cria- | **ç**ão, // pr'a que | **g**oste Pa- | **ca**to, **sua** | **g**uia.
Ainda que | **fo**rce a pres- | **s**ão enfa- | **do**nha, // nos | **po**emas, da | **no**rma,
ela te- | **r**á pr'a po- | **de**r se mos- | **tr**ar, // sob tal | **ju**go, seu | **pa**sse.
Dá-se tam- | **b**ém impor- | **t**ância ao ba- | **na**l, // se o per- | **mi**te seu | **fa**do.

6. De membris

<i>Indicat in pueris septennia prima nouus</i>	<i>dens,</i>
<i>pubentes annos robustior anticipat</i>	<i>uox.</i>
<i>Inuicta et uentis et solibus est hominum</i>	<i>frons.</i>
<i>Edurum nerui cum uiscere consociant</i>	<i>os.</i>
<i>Palpitat irrequies uegetum teres acre calens</i>	<i>cor,</i>
<i>unde uigent sensus, dominatrix quos uegetat</i>	<i>mens,</i>
<i>atque in uerba refert modulata lege loquax</i>	<i>os.</i>
<i>Quam ualidum est, hominis quota portio, caeruleum</i>	<i>fel!</i>
<i>Quam tenue et molem quantam fert corpoream</i>	<i>crus!</i>
<i>Pondere sub quanto nostrum moderatur iter</i>	<i>pes!</i>

6. Sobre as partes do corpo

Tradução não poética

O novo dente indica, na criança, a chegada de seu setênio,
 a voz mais robusta prenuncia os anos da puberdade.
 O rosto dos homens é indomável tanto por ventos como por sóis.
 Os nervos unem o osso duro às vísceras.
 O coração palpita incessante, vívido, redondo, forte e quente,
 onde os sentimentos vigoram, e a mente dominadora os vivifica,
 e a boca eloquente responde em palavras por lei moduladas.
 Quão potente é a bile escura, uma pequena porção do homem!
 Quão fina é a perna e quanta massa corpórea ela carrega!
 Sob quanto peso o pé conduz nosso caminho!

Tradução poética

Mostra, p'ra criança, que já completou seu setênio: seu	dente.
Quando mais firme na voz, se entrevê puberdade co'a	fala.
Ele, por sóis e por ventos, se faz indomável: o	rosto.
Nervos aos órgãos humanos conectam o rígido	osso.
Sempre palpita, redondo e constante, o cáldido	peito,
onde vigoram afetos, nutridos por força da	mente.
Fala em palavras, por lei moduladas, a gárrula	boca.
Mínima parte do corpo, contudo pujante: sua	bile!
Vê-se tão fina, mas muito volume carrega: sua	perna!
Sofre co' o peso que leva, mas guia a passagem: a	pata!

**Escansão indicativa dos dátilos em português com tônicas nas sílabas 1, 4, 7,
 10, 13 e 16 e cesura triemímera, pentemímera ou heftemímera**

Mostra, p'ra |criança, // que |já comple- |tou seu se- |tênio: seu |dente.
 Quando mais |firme na |voz, // se entre- |vê puber- |dade co'a |fala.
 Ele, por |sóis e por |ventos, // se |faz indo- |mável: o |rosto.
 Nervos aos |órgãos hu- |manos // co- |nectam o |rígido |osso.
 Sempre pal- |pita, // re- |dondo e cons- |tante, // o |cáldido |peito,
 onde vi- |goram a- |fetos, // nu- |tridos por |força da |mente.
 Fala em pa- |lavras, // por |lei modu- |ladas, // a |gárrula |boca.
 Mínima |parte do |corpo, // con- |tudo pu- |jante: sua |bile!
 Vê-se tão |fina, // mas |muito vo- |lume car- |rega: sua |perna!
 Sofre co'o |peso que |leva, // mas |guia pas- |sagem: a |pata!

7. *De inconexis*

<i>Saepe in coniugiis fit noxia, si nimia est,</i>	<i>dos.</i>
<i>Sexus uterque potens, sed praeualet imperio</i>	<i>mas.</i>
<i>Qui recte faciet, non qui dominatur, erit</i>	<i>rex.</i>
<i>Vexat amicitias et foedera dissociat</i>	<i>lis.</i>
<i>Incipe, quidquid agas¹⁹: pro toto est prima operis</i>	<i>pars.</i>
<i>Insinuat caelo disque inserit emeritos</i>	<i>laus.</i>
<i>Et disciplinis conferta est et uitiiis</i>	<i>urbs.</i>
<i>Vrbibus in tutis munitior urbibus est</i>	<i>arx.</i>
<i>Auro magnus honos, auri pretium tamen est</i>	<i>aes.</i>
<i>Longa dies operosa uiro, sed temperies</i>	<i>nox,</i>
<i>qua caret Aethiopum plaga, peruigil, inrequies</i>	<i>gens,</i>
<i>semper ubi aeterna uertigine clara manet</i>	<i>lux.</i>

7. *Sobre coisas desconexas*

Tradução não poética

Frequentemente, se muito alto, o dote se torna prejudicial aos matrimônios.
Ambos os sexos são potentes, mas o masculino prevalece em autoridade.
Será um rei aquele que agir corretamente, não aquele que domina.
O litígio devasta as amizades e dissolve os tratados.
O que quer que você faça inicie: a primeira parte da obra está diante do todo.
O louvor faz entrar no céu junto aos deuses e insere os merecedores.
A cidade foi provida tanto por ensinamentos como por vícios.
Nas cidades protegidas, a cidadela é mais fortificada que as cidades.
Há uma grande estima ao ouro, todavia o preço do ouro está em cobre.
O longo dia é cansativo ao homem, mas a noite lhe é amena,
da qual carece a região dos Etíopes, um povo vigilante e incessante,
onde a luz sempre permanece clara em um ciclo eterno.

Tradução poética

Quando excessivo, se torna danoso ao casório: seu	dote.
Ambos os sexos possuem poder, imperando o do	macho.
Não dominando, mas sendo correto, será um bom	líder.
Pactos dissolve e destrói amizades, com brigas, a	lide.

¹⁹ Consideramos a pontuação sugerida por Pastorino (2013) em “*Incipe, quidquid agas:*”, em vez da forma sugerida por Green (1991) em “*incipe: quicquid agas,*”.

Não interessa o que quer que se faça, comece da parte.
 Faz com que o digno, no céu divinal, se introduza: sua fama.
 Tem incontáveis saberes e vícios, chamando-se urbe.
 Área com mais proteção, nas cidades seguras: o forte.
 O ouro se estima bastante, contudo avaliam-no em cobre.
 Dia comprido desgasta, mas chega o sossego da noite.
 Noite os Etíopes negam, na eterna vigília do povo,
 Onde, em um ciclo eternal, perpetua-se rútilo o brilho.

Escansão indicativa dos dátilos em português com tônicas nas sílabas 1, 4, 7, 10, 13 e 16 e cesura triemímera, pentemímera ou heftemímera

Quando exces- | **sivo**, // se | **torna** da- | **nos** ao ca- | **sório**: seu | **dote**.
Ambos os | **sexos** pos- | **suem** po- | **der**, // impe- | **rand** o do | **macho**.
Não domi- | **nando**, // mas | **sendo** cor- | **reto**, // se- | **rá** um bom | **líder**.
Pactos dis- | **solve** e des- | **trói** ami- | **zades**, // com | **brigas**, a | **lide**.
Não inte- | **ressa** o que | **quer** que se | **faça**, // co- | **mece** da | **parte**.
Faz com que o | **digno**, // no | **céu** divi- | **nal**, // se intro- | **duza**: sua | **fama**
Tem incon- | **táveis** sa- | **beres** e | **vícios**, // cha- | **mando**-se | **urbe**.
Área com | **mais** prote- | **ção**, // nas ci- | **dades** se- | **guras**: o | **forte**.
O ouro se es- | **tima** bas- | **tante**, // con- | **tudo** ava- | **liam-no em | **cobre**.
Dia com- | **prido** des- | **gasta**, // mas | **chega** o sos- | **sego** da | **noite**.
Noite os E- | **tíopes** | **negam**, // na e- | **terna** vi- | **gília** do | **povo**,
Onde, em um | **ciclo** eter- | **nal**, // perpe- | **tua-se** | **rútilo** o | **brilho**.**

REFERÊNCIAS

AMARANTE, José. A recriação, o retorno e o eterno novo : epigramas ausonianos em português. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 85–107, 2021. DOI: 10.24277/classica.v34i1.868. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/868>. Acesso em: 30 jun. 2021.

AMARANTE, José. *O livro das Mitologias de Fulgêncio*: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã. Salvador: Edufba, 2019.

AUSÔNIO; MOREIRA, Daniel da Silva. Epigramas | Epigrammata. (n.t.) *Revista Literária em Tradução*. n. 4, mar. 2012, Florianópolis. P. 09-25. Disponível em: <<http://www.notadotradutor.com/revista4.html>> Acesso em: 21 jun. 2021.

CAMPOS, Haroldo de. **Transcrição**. Marcelo Tápia e Thelma Nóbrega (Orgs.). São Paulo: Perspectiva, 2015.

CAMPOS, Haroldo de. Para transcriar a *Ilíada*. **Revista USP**, [S. l.], n. 12, p. 143-160, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i12p143-160. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25584>. Acesso em: 30 jun. 2021.

WHITE, Evelyn. **Ausonius**. With an English translation by Hugh G. Evelyn White. London: William Heinemann / New York: G. P. Putnam's Sons. The Loeb Classical Library, 2 vs. 1919 (v. 1); 1921 (v. 2).

EZQUERRA. **Ausônio. Obras**. 2 vs. Traducción y notas de Antonio Alvar Ezquerro. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles. *Medea Carthaginis* – El Centón de Hosidio Gueta. **Revista de Estudios Clásicos**, v. 41, 1 sep. 2014. Disponível em: <http://revistas.uncuyo.edu.ar/ojs/index.php/revistaestudiosclasicos/article/view/553>. Acesso em: 4 jun. 2021.

GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles. “Ostomachion”: Ausônio e a Métrica dos Centões Latinos. **Scientia Traductionis**, 2011, p. 179-200. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p179/20012>. Acesso em : 14 fev. 2021.

GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles. O Carmen Sacrum de Proba. **Nuntius Antiquus**, [S. l.], v. 5, p. 57-68, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17261. Acesso em: 4 jun. 2021.

GREEN, Roger. **The Works of Ausonius**. Edited with introduction and commentary by R. P. H. Green. Oxford (England): Clarendon Press / New York: Oxford University Press, 1991.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2020.

HOMERI OPERA I, II. David B. Monro e Thomas W. Allen (Orgs.). Oxford: Clarendon Press, 1920 (reproduzido em Perseus Digital Library). Disponível em:

<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0133%3Abook%3D3%3Acard%3D146>. Acesso em 10 jun. 2021.

MOREIRA, Daniel. Dez epigramas sobre Narciso. **Rónai: revista de estudos clássicos e tradutórios**, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 57-64, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/23153>.

NATIVIDADE, Everton. O último pé e a cesura nos versos núnicos e as “Púnicas” de Sílio Itálico. *Scientia Traductionis*, v. 13, p. 312-328, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30278>. Acesso em: 5 fev. 2021.

OLIVA NETO, João Angelo. Breve Anatomia de um Clássico. In: Virgílio, *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 9-65.

OLIVA NETO, João Angelo. O hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes: Teoria e Repercussões. **Revista Letras**, v. 89, p. 184-201, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/35546>. Acesso em: 2 fev. 2021.

162

OLIVA NETO, J. A. Minha guirlanda de poemas: 31 traduções inéditas. **Organon**, Porto Alegre, nº 49, julho-dezembro, 2010, p. 259 – 272 (cf. part. p. 267-268). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29002/17742>. Acesso em: 2 fev. 2021. Acesso em 25 jun. 2021.

PASTORINO. **Opere di Decimo Magno Ausonio**. A cura di Agostino Pastorino. Torino: Unione Tipografico, 2013 [1971].

PONDIAN, Juliana. **A forma da palavra**: poesia visual sânscrita, grega e latina. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-31102011-132738/publico/2011_JulianaDiFioriPondian.pdf. Acesso em: 20 mai. 2021.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 208-226, 2019a. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Rastros da tradição literária experimental. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 62, p. 130-147, 2019b. Disponível em:

<https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/30441>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da *De aetatibus mundi et hominis*. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 9, p. 101-119, 2019c. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano. **A Palo Seco**, Itabaiana, n 12, p. 90-94, 2019d. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. A *De aetatibus mundi et hominis* sem a letra 'a', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução lipogramática do prólogo. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, 16 jul. 2020a. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/19416. Acesso em: 19 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Fulgêncio sem a letra 'c' tradução do livro III do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 243-249, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/26021>. Acesso em: 21 mai. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. A vida de Jesus Cristo sem a letra 'm', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do livro XII do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **Phaos**, Campinas, v. 20, p. 1-8, 2020c. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. A problemática do prólogo da *De aetatibus* e sua tradução alipogramática. **CODEX**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 321-330, 2020d. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/31811>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. A idade bíblica dos juízes sem a letra 'g': tradução do Livro VII do lipograma *De aetatibus mundi et hominis* de Fulgêncio, o

Mitógrafo. **Archai**, Brasília, n. 30, p. e03023, 2020e. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/archai/article/view/1984-249X_30_23. Acesso em: 11 ago. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. As Pragas do Egito e o Êxodo Hebraico sem a letra 'f': tradução do Livro VI do lipograma *De aetatibus mundi et hominis de Fulgêncio*, o Mitógrafo. **Belas Infiéis**, v. 9, p. 379-390, 2020f. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/29893>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Isaías, Judite e Zedequias sem a letra 'i': tradução do Livro IX do lipograma *De aetatibus mundi et hominis* de Fulgêncio, o Mitógrafo. **TRANSLATIO**, v. 19, p. 135-149, 2020g. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/102777>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Alexandre, o Grande, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro X do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **SIGNUM - Revista da ABREM**, v. 21, p. 357-368, 2020h. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/487>. Acesso em 03 nov. 2020.

164

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Os irmãos Esaú e Jacó e as irmãs Lia e Raquel, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução alipogramática do livro V da *De aetatibus mundi et hominis*. **Em Tese**, v. 26, p. 259-269, 2020i. ISSN 1982-0739. DOI 10.17851/1982-0739.26.1.259-269. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/16636>. Acesso em 26 nov. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. A decapitação de Holofernes e as revoltas dos Macabeus: tradução alipogramática do Livro IX da *De aetatibus mundi et hominis* de Fulgêncio, o Mitógrafo. **Calíope**, v. 39, p. 01-17, 2020j. DOI: <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i39.34543>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/caliope/article/view/34543>. Acesso em 26 mar. 2021.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. A criminoso história de Roma sem a letra l, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro XI do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **Mare Nostrum**, v. 11, p. 235-250, 2020k. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/179136>. Acesso em: 19 mar. 2021.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Vestígios do experimentalismo poético greco-latino. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 172-191, jun. 2020l. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n1p172>. Acesso em: 09 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. A “Idade das Trevas” entre o platonismo literário e o problema da literariedade: tensionando a poética experimental. **Crátilo**, Pato de Minas, v. 13, n. 1, p. 244-258, 2020m. Disponível em: https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/issue/view/166/cratilo_v13_n1. Acesso em: 25 set. 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. A vida dos Césares, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução alipogramática do livro XIV da *De aetatibus mundi et hominis*. **Prometheus**, Aracaju, v. 1, p. 261-272, 2021a. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/13378>. Acesso em 20 mar. 2021.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Esaú e Raquel sem a letra e, por Fulgêncio, o Mitógrafo. **Classica**, v. 34, p. 315-324, 2021b. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/889>. Acesso em 02/05/2021.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. *Genethliacos* de Décimo Magno Ausônio: traduções acadêmica e poética. **CODEX**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 132-139, 2021c. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/issue/view/1721/showToc>. Acesso em 25/06/2021.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão José dos. Cleópatra e os antigos Césares sem a letra ‘o’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução lipogramática do Livro XIV da *De aetatibus mundi et hominis*. Em Tese, [S.l.], v. 26, n. 3, p. 232-246, jun. 2021d. ISSN 1982-0739. DOI 10.17851/1982-0739.26.3.232-246. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/17875/1125614116>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão; AMARANTE, José. Elementos da tradição palindrômica antiga. **Afluente**, Bacabal, v. 4, p. 195-213, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoselectronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/12287>. Acesso em: 18 maio 2020.

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão; AMARANTE, José. Adão, Eva, Caim e Abel sem a letra 'a', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro I do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **Rónai**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 88-98, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/27256>. Acesso em: 09 jul. 2020.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.

Data de envio: 14/04/2021

Data de aprovação: 12/07/2021

Data de publicação: 15/07/2021